

# Malacara

Um conto de Ronei Baldissera

No início da tarde, preparava sua mochila zelosamente. Ao fundo, iam as coisas mais resistentes, tais como os sapatos. Depois, ensacadas para preservar vinham toalhas e roupas de cama. E a torre da mochila se formava até o topo de utensílios de uso mais imediato e, portanto, necessitados de fácil acesso. Arrumava mecanicamente todas essas coisas e sua mente estava em outro lugar mais aprazível. Esperara semanas por uma oportunidade adequada e ela aparecera intempestivamente. Cassius, seu amigo aventureiro, lançara um desafio durante uma das confraternizações da empresa. Todas as pessoas em um raio de 20 metros ouviram o “desafio”: “Vou para o Malacara nesse final de semana!” Não, não convidou. Foi uma afirmação peremptória. Sem vacilos. Nenhuma pessoa que ouviu aquilo impediu a mente de se fazer a pergunta óbvia: “vou poder ir?” Após alguns segundos de coçação de cabeças, olhares furtivos para o lado e sapateados inquietos, algumas almas se desculparam por uma impossibilidade qualquer. Outras imediatamente assentiram entusiasmadas, enquanto umas últimas se calaram. Seu devaneio, durante o preparo da mala, residia exatamente em uma das pessoas que se calaram. Pode parecer um tanto inexplicável que uma declaração, como a que fez Cassius, tivesse um efeito tão perturbador nas pessoas. Por isso, devo uma explicação ao prezado leitor dessas linhas.

## Geografia

Para quem mora no estado mais sulista do Brasil, o Rio Grande do Sul, o nome Malacara não é de todo estranho. Há quem já o visitou, há quem o conheça e cobice visitar, há quem conheça e não dê muita bola, há quem só ouviu falar em conversas de bar. Mas, é fato, todo gaúcho que se preze conhece os cânions que fazem parte da geografia da região. E Malacara faz parte dessa estrutura geológica única. Para os neófitos nessa história, vou iluminar suas mentes com informações de deleite inequívoco. A unidade federativa em pauta é basicamente composta por um litoral, uma serrinha na parte sudeste, extensões campestres na parte sudoeste e oeste e a serra na parte norte. Na verdade, para ser preciso, há uma outra parte geográfica relevante, que é a depressão central, mas esse nome já desconvida para uma análise, apesar de abrigar a capital. Para nosso breve estudo, devemos levar em consideração que a serra, também chamada planalto, não é uma região única, pois as diferenças entre os extremos são demasiadamente pronunciadas. Quer dizer que não há como uniformizar aquele pedaço de terra como se fosse um azarado no leito de Procrustes. Essa massa de montanhas,

umas vezes menos, outras vezes mais pontudas, é o acidente mais considerável no estado. Foi formado em etapas de milhões e milhões de anos, muito antes que qualquer ser vivente da nossa subespécie sapiense. Na base, há um deserto há eons adormecido, que foi soterrado por hordas de rochas incandescentes que foram vomitadas do âmago de nosso planeta. A prova da existência de tal história incrível inacreditável ninguém viu, mas os efeitos são cristalinos. Nas bordas da serra e no fundo dos rios que correm em suas altitudes menores brotam solos coloridos em faixas degradê vermelhas com mais ou menos ferro.

Depois de milhões de anos de existência desse corpo gerado pelo próprio Hades, vislumbra-se deslumbrantemente na extremidade leste dessa massa montanhosa, os cânions. Recortes profundos na carne plutônica. Como se tesouras inquietas tivessem rasgado a montanha, como querendo cortar toda paisagem, mas interrompidas, ou inacabadas. Exatamente ali, onde árvores, campos, rochas, neveiro, vistas e pequenas cidades se misturam, havia um tal recorte na rocha, um precipício de 700 m que finalizava em um vale paradisíaco: Malacara.

## Inovação

O próprio nome desse lugar é um desafio. Sua pronúncia evoca determinados mistérios subjacentes irracionais em qualquer pessoa sadia. O fato digno de nota na afirmação de Cassius foi que todos compreenderam que a companhia estava garantida, pois quando Cassius, o aventureiro, dizia coisa similar, ninguém ousava duvidar. Fosse ele sozinho, ou fossem todas as pessoas que trabalhavam na empresa, ele iria de qualquer modo. Lyzandro estava em dúvida, mas, ao final, a decisão passou por um desejo mais mundano do que a contemplação filosófica do mundo natural. Logo após a balbúrdia, o grupo se formou. Cassius, certamente, seria o líder. Sua determinação e foco na aventura era para ser utilizada de forma inteligente. Apesar de um toque *coach* meio brega, daquele tipo que precisa se autoafirmar pelos próprios feitos comparativamente aos seus colegas, ele era um aventureiro sem sombra de dúvidas. Às vezes, Cassius necessitava de um pito, uma chamada para amenizar o ímpeto marciano que exalava. Ninguém queria acabar no fundo de um cânion por falta de diligência, ou por excesso de confiança. Na roda, prontamente, Lyzandro se dispôs do lado direito. Bem, era uma quinta-feira, portanto todo trabalho tendeu à zona de conforto. Isso foi prontamente combatido pelo gerente, que exortava o líder em cada um sob a promessa de um final de semana imersivo e redentor. As lideranças atinadas se aproveitam de qualquer situação para estimular o crescimento da ideia de superação, progresso material e afetivo, e ganhos extras. Um prêmio de produtividade foi lançado. Adicionalmente, a empresa já aproveitou para lançar um curso de gestão participativa, gratuito para os colaboradores, mas pago por qualquer pessoa que quisesse participar. As engrenagens de produção de conteúdo virtual começaram a funcionar imediatamente. Não à toa, a empresa era referência em gestão na sua área de atuação.

## Calada

Preciso pedir a indulgência do leitor, pois os ocorridos que se seguirão talvez frustrem sua expectativa. Será essa uma história de amor e paixão?

Amber Rosa tinha talvez uns 21 anos. Seu corpo era alto, esguio e escasso de curvas proeminentes, mas Amber tinha um molejo descompromissado, uma

naturalidade de fêmea, que realçava a carestia de carne no corpo. Suas curvas eram sensitivas, mais do que visuais. Por isso mesmo, era difícil decifrá-la. Mas um sorriso era sempre a indicação do bom caminho. Rosa tinha mãos com dedos longos e finos que dançavam uma orquestra afinada com sua expressão. Não usava esmalte. As unhas eram curtas, bem aparadas.

Nada era provocante, pois sua naturalidade era etérea, andrógina. Dali, só se sentia o natural, estímulos subterrâneos, se existissem, eram imperceptíveis. Seu pé era parecido com as mãos, longos e os dedos se distribuíam como a distribuição de Poisson; porém, mais achatada. Para o leitor inábil com essa erudição artística, imagine o segundo dedo um pouco mais longo que o dedão. A partir dele, os outros diminuía em uma razão áurea. Amber Rosa era praticamente toda razão e sensibilidade. Sua perna se descortinava aumentando seu volume até o joelho ossudo, mas sem exagero. Como Amber era mais magra do que gorda, suas coxas eram longilíneas, mas possuíam carne. O assento do quadril nas pernas dava aquela sensação de molejo no seu caminhar. Os ossos anteriores do quadril despontavam sob a pele, mas sem uma imagem anoréxica. Suas coxas roçavam muito levemente uma na outra, o que, na visão frontal, criava aquela reentrância insinuante para a mente fantasiosa do amante. O final do externo e o peito se projetavam para frente dando-lhe um ar intrépido e confiante. Os ombros magros eram relaxados, baixos, de onde sobressaía o pescoço proporcional ao comprimento das clavículas. Seu rosto se erguia triangular a testa mais larga, afinando na linha de mandíbula e com o vértice inferior no queixo. A boca era larga com lábios grossos em cima e embaixo. O nariz era fino e levemente arrebicado. Os olhos eram grandes, amendoados e perspicazes. O olhar penetrante parecia atravessar o interlocutor.

Lyzandro captou a reticência na vontade de Amber Rosa. Era ela que ele queria, que ele desejava, que ele precisava. Se conheciam principalmente pelas confraternizações da empresa, já que suas tarefas aconteciam em espaços diferentes. Ela respondia a um chefe diferente dele, o gerente de divulgação da imagem da empresa. Adicionalmente, não frequentavam exatamente os mesmos *métiers*. Na verdade, ele não lembrava de a ter visto nas baladas, ou nos bate-papos de saída da empresa. Por outro lado, se encontravam na sala do café ocasionalmente. O jeito calmo, polido, centrado e direto dela chamou sua atenção. As observações perspicazes dela, sem afetações ou necessidades de confirmações o tinham impressionado. Ele via nela o seu espelho, a inversão de si mesmo. Então, quando se deu conta, pensava nela durante as horas do dia e seu ser apaziguava. Entretanto, o fogo da paixão cresceu. O frenesi do desejo enrubescia sua face quando ela estava perto, o corpo retesava e a respiração acelerava. Queria que esse amor idealizado, irreal e fantasioso se tornasse material, cego e efêmero. O desejo que vence sempre mancha a mágica. Afinal de contas, não era nenhum religioso fervoroso que tivesse feito voto de castidade. A carne era reconhecivelmente fraca e tal fato era perfeitamente aceitável. Claro que Amber Rosa sabia daquilo. O olhar do homem fulminante de desejo encontrava sempre aqueles olhos amendoados e um frisson percorria os corpos mutuamente para, logo em seguida, ela baixá-los um tanto quanto tristemente. Isso causava em Lyzandro uma intriga inquietante. Mas ele evitava sobremaneira ser saliente demais com ela. Aquela mulher precisava de toda parcimônia. Como um bom vinho, precisava de tempo de maturação e precisava de um acontecimento. E ele chegou.

Notei que não te manifestou sobre se vai ou não ao passeio — disse ele, aproximando-se muito mais do que sempre. Um arrepiou percorreu sua espinha e jorros de sangue retesaram os músculos. Se controlou da melhor forma que pode.

— Ainda estou pensando — retrucou ela. Há muitas coisas a serem pensadas nesse momento. Se para você ir a um passeio qualquer é trivial, para mim se torna um

desafio.

— O que você quer dizer?

— Deixa para lá. Talvez um dia eu te conte, mas agora não é o momento certo, — disse ela e pousou a mão sobre a dele, olhou-o nos olhos com desejo pela primeira vez e continuou — você vai e por isso fiquei na dúvida. Se você não fosse, eu teria manifestado minha recusa na hora.

Pego de surpresa, Lyzandro titubeou, como se soluçasse na frente de uma deusa sem saber o que fazer. Será que sim. Sim, é muito provável. Mas, calma no andar. Não pode haver precipitações. Amber deu uma pista bem clara de que havia algo a mais, algo que ela precisava resolver. A sua ida nessa aventura envolvia ultrapassar um obstáculo pessoal. Ele ficou pensativo alguns momentos enquanto Amber Rosa se distanciava com uma amiga. Absorto em pensamentos, decidiu o que fazer no momento em que ela deu aquela olhadela sorridente para trás e balançou o cabelo, sinal marcante de satisfação.

## O beco

Saiu para a rua atribulada do final de tarde calorento de março após ajeitar sua mochila. Aquele olhar dela ficava ecoando em sua mente, pensamento que absorvia cada momento. O tempo estava para chuva, que se avizinhava ao sul em tons de cinza escuro. Precisava comprar uma bota para o passeio, artefato necessário para as atividades na natureza. As pessoas que trabalhavam na empresa já haviam agendado atividades as mais diversas, que envolviam não só passeios na natureza, mas tempos lúdicos, provavelmente com alguma relação com capacitações empresariais. O *coaching* era praticado em qualquer situação oportuna. Nada melhor do que estimular vínculos afetivos para garantir a produtividade. As pessoas trabalhadoras precisam “vestir a camisa”. Não basta trabalhar, precisa colaborar para a criação de um espaço que otimize os resultados. Afinal, quanto melhores, mais recursos são auferidos e as pessoas ganham como um todo. Apesar de que, pensou, o que conseguiu até agora foi comprar uns trocados em criptomoedas estimulado por palestras motivacionais. Deve-se comprar um pouco todos os meses, lembrou-se. Ao final, a sua pobreza era de sua própria responsabilidade. Talvez melhor fosse adquirir alguma dívida a mais. Apertar os cintos, como dizia seu pai. Um sacrifício por um bem maior, uma casa ou um carro.

Ia pegar o ônibus da linha 340, mas resolveu caminhar alguns quarteirões e pegar a linha 436. Desceu a avenida para uma rua de paralelepípedos tranqüila, bem arborizada. O vento começou a aumentar de intensidade. Pensou duas vezes se valia a pena sair nessas alturas. Continuou. Em alguns minutos, rajadas mais fortes e quentes de vento reviravam a poeira da rua e lançavam folhas ao ar. Realmente, talvez não valesse a pena... Nesse momento ficou paralisado. Seu olhar se fixou em três figuras a mais ou menos 50 metros de distância. Claramente, uma delas era Amber Rosa. Uma outra levantava a mão, como que discutindo com Amber e balançava a cabeça nitidamente transtornada. Era um homem da mesma altura de Amber. O cabelo curto e meio acinzentado denunciava sua idade mais avançada, talvez 50 anos. Interessante que seu físico, de alguma forma, era parecido com o de Amber. A terceira pessoa era uma mulher aparentando uns 30 anos. O cabelo escuro pintado e liso de chapinha. Estava com os braços cruzados e olhava para o chão durante boa parte do tempo. As três pessoas aparentavam ser parentes, pois seus jeitos eram muito parecidos e sua tez de pele, levemente mais escura do que clara, também. Nosso herói foi chegando sem ser notado, pois as três pessoas estavam muito entretidas na sua conversa. Um relâmpago

clareou o céu a alguns quilômetros. O homem nervoso e inconformado e a mulher acanhada. Amber se mantinha impávida. As mãos ao longo do corpo mais ou menos relaxado, a perna direita repousando levemente para frente e o queixo um pouco para cima, reafirmando sua posição. “Você tem ideia do que sua irmã tem passado?” Disse o homem, fazendo uma referência de cabeça para a outra mulher. “Sistematicamente sendo achincalhada por qualquer pessoa da congregação. Lembrada como a irmã da...”. A última palavra ficou inaudível, pois o trovão que acompanhou o relâmpago anterior rasgou o espaço-tempo. Nesse momento, nosso herói ficou aparente para o grupo. Amber foi a primeira a percebê-lo, pois estava na diagonal, enquanto as outras duas pessoas estavam meio que de costas para ele. Ela reagiu com uma surpresa no olhar e entreabriu a boca. “Chega”, disse imperiosamente para o homem à sua frente. “Chega, isso é entre mim e Shaya. Porque você ainda tem que se meter na minha vida? Eu sei do que faço e tudo é legítimo, tudo é natural e perfeitamente justo, seja aos olhos dos homens ou de qualquer Deus que você queira invocar. Não reconheço nenhum intermediário entre mim e a divindade.” O homem se irritou profundamente com esse comentário e ameaçou elevar a voz, mas Amber se virou para nosso herói. “Olá, Lyz, como você está? O que faz por aqui?” O homem parou de falar e olhou para Lyzandro. Deu uma bufada, balançou a cabeça em tom de desaprovação. “Esse é meu irmão Ignácio e essa é minha irmã Leah.” Lyzandro fez uma saudação breve para as pessoas. “Estou indo para o centro comprar um equipamento que preciso levar para o Malacara. E você?” ele perguntou. “Veja só que coincidência, também estou indo pegar o ônibus. Vamos juntos?” Lyzandro assentiu entusiasmado pela oportunidade. “Adeus”, Amber disse para os irmãos. “Procure se manter longe das reuniões de família, por favor” o irmão preveniu Amber, que apertou os lábios, lançou um olhar frio e cortante para ele e disse: “Vão em paz, os dois. Por mais que tentem, minha paz está somente sob meu controle. Se atenham a suas próprias vidas.” Virou o rosto petulantemente, pegou a mão de Lyzandro e o puxou para sair caminhando.

Amber Rosa estava em pleno descontrole. Sentiu a barriga frisante e uma tensão se espalhou subindo por seu pescoço até que os dentes trincaram. Respirou fundo e iniciou um exercício para soltar suas entranhas daquele veneno. Sentiu as tensões pontuais no baço e na vesícula. Vagas gasosas sopravam no seu ventre. Era imperioso que mantivesse a calma. Então, seus pensamentos procuravam sentidos. As convenções sociais foram criadas em que contexto? Pensava. Por que algumas práticas são aceitas, enquanto outras são condenáveis? Claro, a ética é fazer o que quer que te façam. Então, não é uma violência que ela seja rejeitada, que seja isolada e que sua atitude determine limites, que, em última instância, lhe tirem a liberdade de fazer o que gostaria de receber? Esses devaneios forjavam seu caráter de formas inimagináveis. Porque, ao contrário de desenvolver devaneios mentais que pudessem ser uma válvula de escape aos demônios auto-criados, ela realizava concretamente todas as sensações que brotavam, espontaneamente, de seu ser. Espontânea. É o acaso uma causa? Pensou. Do nada poderá surgir algo? Em algum recôndito de sua alma haveria a causa. Essas inquietações lhe assolavam a mente. Depois passaria. E sua vontade era temperada a ferro e fogo. Em certo ponto, ela prevaleceria incontinente e, finalmente, emergiria de seu casulo e voaria voos altivos, se libertando dos grilhões de regras que se transformavam em tesouras, que cortavam suas penas impedindo-a de ser. Simplesmente ser.

Ele andava ao lado dela, calado. Sentia que era momento de silenciar. Que tipo de aflição se precipitava sobre ela? O desejo de cuidado foi instigado e seus sentimentos refinaram. O desejo puramente carnal sempre parecera um motivo autêntico, na ausência de qualquer sentimento de culpa inocente e medíocre que se avulta nos

incautos em estágios primitivos de existência, que necessitam intermediários para lhes conduzirem à verdade e justiça, condições humanas primevas que afloram naturalmente na presença do ambiente psicológico sanado e livre dos recalques oriundos da educação baseada na repressão. Ou melhor, na pressuposição de que o ser humano é inerentemente mau, que traz consigo um pecado original. Ora, isso só afastaria ele de algo sublime, tinha essa nova percepção agora. Pois aflorava nele outro sentimento. Queria mergulhar naquele outro ser. Mas também em sua alma. E esse teste lhe seria pesado num futuro próximo.

Os dois caminhavam mergulhados em seus pensamentos. Subitamente, se perceberam no encontro. Havia alguém ali que era o outro, apartado daqueles pensamentos pessoais e repetitivos. Ambos sentiram uma conexão e se olharam. Um silêncio nunca poderia ser mais eloquente.

— Quando vamos nos encontrar para irmos para o Malacara? Ela perguntou e, subitamente, um pressentimento lhe perpassou. Algo vagamente associado ao prefixo do lugar. Como qualquer sensação fragmentária, aquela surtiu um fragmento de alerta, que, diante do desenrolar dos acontecimentos, pareceu pueril e foi ignorado em uma fração de segundo.

## O vento

Amber Rosa gritava por alguém no meio do capão em que se protegeu do que estava acontecendo. Folhas e galhos caíam das árvores a cada chicoteada do vento. Seus gritos eram inúteis, pensou. Com aquela ventania e daquele lugar ela não seria ouvida em suas súplicas. Silenciou. O domínio da ansiedade e do medo precisavam ceder. Ela instintivamente sentou e prestou atenção na sua respiração. Os sentidos aguçaram. De propósito, resolveu semicerrar os olhos para estimular o sentido da audição. Imediatamente, passou a ouvir os detalhes da ventania. Assobios ao longe, gramíneas que se inclinavam ao vento, troncos de árvores que rangiam, galhos que quebravam em várias direções assim que assaltados pelas rajadas que brotavam. Essas sem aviso prévio, caóticas. O sentido do vento era sul/norte ou nordeste talvez, o que significava que a pousada de onde saíra estava atrás de seu corpo sentado. Ou seja, estava sentada no sentido leste/oeste. A leste se encontrava a temida borda do penhasco. Na atual situação, qualquer descontrole poderia ser fatal. Começou a chover, o vento amainou e uma névoa se entranhou nos espaços do ar serrano subindo a partir do vazio.

O crepúsculo se avizinhava oculto pela neblina. Agora, ela estava calma. A sua presença tomara conta da situação. Uma decisão tomada nessa hora era muito mais aceitável, pois junto à consciência de si própria e do seu entorno vinha uma aceitação do destino que se descortinaria dali para frente. Uma decisão em um momento íntegro enseja uma calma e exorta o foco. Automaticamente, em seu estado atual mais desperto, procurou refazer seus passos desde o momento do descontrole coletivo. Procurou se isentar ao máximo dos julgamentos dos acontecimentos, por mais difícil que fosse. Se lembrou primeiro de Lyzandro.

Estavam isolados em uma gruta. O sol ainda brilhava. Era no final daquela manhã. Finalmente, ele descobrira sua vergonha, seu segredo havia sido revelado. Desejosa de se banhar em um riacho que descobrira em suas andanças na serra, havia se apartado das outras pessoas antes do almoço. O riacho era longe, ficava a 45 minutos de caminhada por entre algumas trilhas menos aparentes, o que lhe trazia a tranquilidade do privado. Percorreu alguns metros do riacho no sentido da sua montante, pois tinha a impressão de ouvir uma queda de água. Sim. Havia uma pequena queda, não mais do

que dois metros de desnível na rocha nua. Na parte do atrito da água na queda do riacho, um buraco se formou e ela ficava com a água na cintura enquanto podia colocar a cabeça embaixo do fluxo de água. Um bálsamo para os sentidos. Desnudou-se, feliz pelo contato com a natureza. A água fria despertava os sentidos, que aguçaram. Ouviu o clique de um galho, nitidamente algo havia pisado nele. Instintivamente, pôs-se de pé e virou a cabeça para o lado onde ouviu o barulho.

## O cavalo

Cassius finalmente conseguiu fazer o cavalo ceder em sua desabalada correria. Estava tão ofegante quanto o equídeo. O bicho ainda deu alguns pinotes, mas estava cansado. Cassius conseguia controlar a situação daquele jeito. Com o tropel da boiada ainda ecoando em seus ouvidos puxou com firmeza as rédeas para a direita rumo à pousada. Como será que todos estavam? E de onde saíram aqueles bois de uma hora pra outra? Subitamente, a névoa cobriu o campo a partir de leste e a chuva fina se abateu sobre a paisagem. A visão ficou curta e o caminho perigoso. Puxou as rédeas para diminuir a velocidade. Agora, trotava tratando de preservar o animal. Cair em um buraco seria algo provável a galope sem visibilidade. Retomou os pensamentos. Os gritos que ouvira antes eram de pessoas iradas, não eram de vaqueiros manejando uma boiada. Quantos bichos foram? Talvez uns 30. Será que a um incidente mínimo — um bicho inofensivo que passa a fugir, o grito de um pássaro na capoeira, o estalido de uma rama no arvoredo — se sobressaltou uma das reses, desfechou a correr, e, logo em seguida, se arremessou, em doida arrancada, atropeladamente, o gado todo? Subitamente, ouviu alguém chamando: “socorro, tem alguém por aqui?” Era a voz de Amber Rosa. Vinha de sudeste. Agora lembrou que Amber e Lyzandro estavam chegando juntos de algum lugar e entravam na praça central da pousada exatamente no momento que os animais invadiram o local. Os bichos lançaram as pessoas no sentido leste, ou seja, exatamente para a beira do penhasco. Lembrou que Lyzandro ficou estático, enquanto Amber correu paralelamente à linha da boiada. Fez parar o cavalo e prestou atenção. A voz de Amber Rosa não se fez mais ouvir. Retomou a marcha no sentido da pousada lentamente. A névoa espessa acobertou tudo o mais com um branco acinzentado pesado.

## Encurralado

Andava às cegas com um saco de juta enfiado em sua cabeça. Uma pessoa forte com uma mão grande segurava seu braço de um lado e outra pessoa com uma mão menor lhe segurava o outro braço. Em suas costas sentia o cutucar de algo. “Não tente nada, seu crápula” alertou o homem que lhe conduzia para algum lugar. A voz pesada arranhava na garganta e tinha um timbre grave, imperioso. “Ei, calma aí, trate-o com mais calma, homem”. Lyzandro ficou petrificado. Apesar do vento forte, identificou a voz de Ignácio, irmão de Amber Rosa. Mas o que estava acontecendo? Por que foi atacado? Lembrava de ter corrido quando os animais se abateram sobre a praça da pousada. Entrou em um caminho estreito, ladeado por árvores, pensando que os bichos não conseguiriam entrar ali. Mas estava enganado. Um boi entrou no caminho atrás dele, talvez duas dezenas de metros para trás. Tentou lembrar do caminho. Já o tinha percorrido uma vez de manhã. Ele finalizava em um mirante, mas, antes, havia um desvio para a direita, que levava a um espaço com churrasqueiras, que seriam utilizadas

no dia seguinte para um almoço ao ar livre. Subitamente, algo cresceu dentro dele. No ponto de virada do caminho parou e encarou o animal que enlouquecido vinha em sua direção. O corpo de Lyzandro tremia; respirou profundamente várias vezes para se acalmar. Isso fez efeito. Sua boca entreabriu-se relaxando os maxilares. Olhou para o lado onde o caminho subia e calculou o salto. O caminho estreitava bastante e supôs que a besta não conseguiria se enfiar nele. Mas a sua ideia era outra. Tirou a jaqueta e a deixou pendente do lado do caminho que continuava para o mirante. Agora, a galopada do animal ecoava dentro de seu corpo. A poucos metros, viu os olhos do bicho saltados nas órbitas, a baba escorrendo e a respiração rasa. Calculou da melhor forma a hora exata e, quando ela chegou, se atirou para o lado jogando a jaqueta ao mesmo tempo em direção ao mirante. Sentiu o vento deslocado pelo movimento da besta assim que ela passou. O tempo foi justo, mas curto. Uma perna ou pata do bicho raspou na extremidade de sua fíbula, no osso do tornozelo, quando ele se jogou. Sentiu o baque e o calor da ferida aberta.

Levantou rapidamente e correu caminho acima até as churrasqueiras. A alguns metros, os gritos do bicho foram ficando menos intensos. Sem lembrar da lesão, correu para o mirante. Ficou estupefato com a cena. Ainda deu tempo de ver a besta escorregando ao longe pelo penhasco, gritando. Percebeu o que aconteceu. Com a força da ventania das últimas horas, uma árvore caiu em cima da estrutura de madeira do mirante, destruindo a construção. E o animal não teve chance alguma de frear, escorregando em direção à penumbra do crepúsculo. Ainda estava de pé, olhando para as imagens desconexas do cânion logo abaixo quando algo acertou sua cabeça. Dobrou o corpo instintivamente, tentando respirar, mas a pancada foi forte e ele desfaleceu. Quanto tempo demorou para acordar? Não tinha ideia. Quando voltou à consciência, estava sentado com um saco de juta na cabeça e as mãos amarradas atrás das costas.

## O plano

Ignácio chegou na pequena cidade da serra no mesmo dia em que as pessoas da empresa. Se inteirou do local onde ficariam e partiu para encontrar o pastor Samuel. O dia estava lindo! Um ótimo presságio para seu plano. Era imperioso resgatar a alma da irmã sob domínio do capeta. Pelo menos, foi esse o pretexto de Ignácio ao procurar o amigo. Por outro lado, havia outros motivos, tão sórdidos quanto esse.

— Ignácio, você está completamente louco! Perdeu o juízo! Porque se meter em um negócio desses? Questionou Shaya, que havia concordado em acompanhar o irmão sem saber de seu plano maquiavélico.

— Ora, ora, irmã. Você sabe muito bem que Amber nunca concordará em abrir mão de sua parte da herança. Papai está velho e teimoso. Não consigo fazê-lo entender que deve destinar em vida seus bens. E que esses bens estarão melhor em nossas mãos do que nas mãos daquela aberração da sua irmã. Temos planos para esses recursos, planos grandiosos, esqueceu?

— Mas, irmão, você acha que isso justifica esse seu plano bisonho? Acha mesmo que o pastor vai acreditar que você quer “salvar uma alma”? O que você propôs a ele? Um exorcismo, por acaso? Isso é coisa do passado, não se faz mais isso.

— Mesmo assim, cá estamos nós, preparando a turba para o caso. Eu não sou idiota. Não fui expor minha causa para o pastor, mas para sua congregação. Mais especificamente, para o grupo mais intolerante. Para eles, todo mal deve ser expurgado da Terra e essa é uma missão que eles, enquanto representantes de Deus, têm o dever de realizar. Fica tranquila, tudo não passa de um pretexto que armei para montar um

cenário propício. Assim que ela estiver desestabilizada e frágil, vai concordar com os termos do acordo que vou propor.

Chegou na casa do pastor, que abriu a porta com um ar preocupado.

— Ignácio! Achei que tinha desistido dessa ideia maluca. Benito veio conversar comigo. Está lá dentro. Conseguiu convencer parte da congregação a participar desse seu plano maluco.

— Ora, ora, Samuel. Tudo vai correr bem. Na verdade, vamos exortar nela o bom senso, para que perceba que deve abandonar essa vida pecaminosa longe do caminho reto. Pense nisso. Uma alma a mais para nossa igreja e, de quebra, a promessa que te fiz de recursos para construir um templo digno de nossa obra.

— Sim... os olhos de Samuel brilharam momentaneamente. Se valia a pena correr o risco, era por causa desse dinheiro. Com certeza, uma benção para a igreja, que fazia seus cultos nos fundos de sua casa. Certamente, a congregação cresceria. Afinal, Ignácio sempre fora um homem razoável e não havia motivos para apreensões. — De qualquer forma, respondeu, meu nome não pode aparecer sob nenhuma circunstância.

— Não se preocupe, disse Ignácio, entrando na sala onde estava Benito. Só duas pessoas serão coagidas. Ninguém mais saberá e essas pessoas não darão com a língua nos dentes. Cumprimentou Benito, que ostentava uma Bíblia na mão direita com vários papéis com notas em partes específicas.

— Ignácio, que prazer revê-lo. E sob que auspicioso pretexto. O Senhor quer que seus filhos e filhas andem no caminho reto. Desvios são coisa do tinoso. Já preparei vários trechos de nosso livro sagrado para usar. Com as benções do Senhor haveremos de prevalecer sobre o Mal.

## O desfecho

Amber voltava para a pousada lentamente, ainda sob efeito da expansão consciencial. Tudo estava mais à flor da pele. O foco estava expandido. Avistou as construções alguns metros à frente. Tudo parecia calmo, o que lhe deixou surpresa. Depois do que ocorreu, esperava que as pessoas estivessem em alvoroço. Ao longe, em um galpão apartado das construções centrais, havia uma luz pálida. Do lado direito, em uma das casas alugadas pela empresa, havia luz também. Dirigiu-se para lá. No meio do caminho, ouviu um galope. Era Cassius montado no cavalo com o qual havia saído pouco antes do estouro da boiada.

— Amber Rosa! Meu Deus, que coisa mais louca aconteceu aqui hoje. E onde estão todos?

— Cassius! Que bom que está inteiro. Eu consegui, de alguma forma, sair da praça enquanto tudo acontecia. Sem pensar direito, acabei correndo na direção oposta do furdunço. Corri durante uns 15 minutos talvez, quando fiquei exausta. Me recompus da melhor forma e voltei para cá. Nas condições climáticas atuais, foi um desafio nesse terreno.

— Sim, tudo está calmo demais. Não esperava por isso.

— Estou indo para a casa que tem luz, apontou Amber.

Cassius desmontou do cavalo e abraçou Amber efusivamente, demonstrando seu contentamento. Ambos chegaram na porta da casa e abriram. Lá dentro, três pessoas silenciosas olhavam para o chão. A lareira com um fogo fraco. As três faziam parte da gestão da empresa. Amber reconheceu sua gerente.

— O que aconteceu? Onde estão todos?

— Cinco pessoas ficaram feridas depois do estouro da boiada e foram levadas

para o hospital da cidade. Estamos aguardando notícias. Nós ficamos para esperar vocês e Lyzandro, que está desaparecido desde o acontecido. A gerência da pousada nos deu todo apoio. Levaram os feridos e só ficou um funcionário na recepção.

Imediatamente, Amber Rosa ficou preocupada. E aquela luz no galpão, quem está lá? Perguntou.

— Não sei.

Ela olhou para Cassius que captou a ideia de imediato. Ele saiu da casa logo após ela. Quando chegou na praça, viu que Amber falava com um homem que não conhecia. Parecia ser da região. As mãos cruzadas na frente do corpo e uma atitude calma denotavam um controle. Quando ouviu Cassius, o homem virou a cabeça e olhou fixamente para ele. Com um riso de canto de boca deu meia volta e saiu em direção ao galpão. Cassius olhou para Amber que estava pálida e nitidamente preocupada. Chegou perto dela e colocou a mão em seu ombro. Ela voltou do transe, respirou fundo e colocou a mão no peito de Cassius.

— Eu preciso fazer uma coisa e quero que você fique aqui. Prometa-me que ficará aqui, por favor.

— Como assim, o que houve? Quem era aquele homem? O que ele queria contigo?

— Só preciso que fique aqui, certo? Eu já volto.

Amber Rosa saiu sem falar mais nada, deixando Cassius surpreso e sem ação. Olhou para os lados. A ventania acalmou, mas ainda se ouviam pés de vento súbitos e as árvores rangiam. O nevoeiro se intensificou ou foi a noite que caiu sobre eles. Sob efeito de uma indecisão paralisante, deixou-se cair em um banco da praça. Olhou enquanto Amber se dirigia para o galpão. Após alguns minutos, seu corpo se tornou uma silhueta indivisível dentro da noite cinzenta. Resolveu procurar Lyzandro. Lembrava para onde ele havia fugido durante o estouro da boiada. Assim que entrou na trilha percebeu o trilho que a besta fez abrindo o caminho. Foi até o mirante e viu o estrago da árvore. Voltou pelo mesmo caminho intrigado. Será que Lyzandro caiu no penhasco? Parou na borda da matinha onde o caminho começava. Olhou em volta, mas não viu coisa alguma. Começou a caminhar de volta para a praça e pisou em uma poça de água que fez seu pé mergulhar inteiro. Praguejou e olhou para seu pé. Imediatamente, notou algo colorido no chão escuro, muito tênue, mas perceptível. Agachou-se e passou a mão. Sangue.

Sem pensar, saiu correndo em direção ao galpão.

Amber Rosa estava em pé na frente de Benito, que levantava sobre a cabeça uma Bíblia e entoava uma cantilena religiosa. Coisas como “o poder de Deus”, “o caminho reto”, “o Senhor é meu pastor e nada me faltará”, “o domínio da Besta é uma ilusão”. Amber já estava acostumada com essa lenga-lenga. Ouviu isso durante muitos anos nos cultos de que participou com os irmãos. Mas aquilo era diferente. Benito estava de pé atrás de Lyzandro, que estava sentado em silêncio com um olhar de raiva. Do lado direito dele, estava uma mulher e, do lado esquerdo, um homem enorme e zangado. Fora da cena dantesca, Ignácio e Shaya estavam de pé em um canto do galpão.

Amber não tomou conhecimento de Benito e se dirigiu para o irmão.

— Ignácio, meu irmão. Você realmente acha que isso irá mudar minha vida? Você bem sabe que eu sei muito bem quem sou e o que quero. Que minha vida está sob controle de minha própria presença. Que todo esse papo medieval não me diz nada. A busca da verdade é minha única religião. E a justiça dos homens é apenas um pálido reflexo da justiça divina, que é perfeita porque não julga. Quem é desperto não precisa de subterfúgios para seus atos. Somente os fracos de juízo acham que precisam de intermediários entre eles e seus deuses, porque é mais fácil transferir a responsabilidade

dos seus atos para terceiros, que intercedem em seus nomes. Incautos!

Amber começou a se transformar. Lyzandro percebeu seu corpo retesar, as mãos espalmadas para baixo, as pernas duras e fixas no chão. Estalou os dedos e subitamente, ela deu uma risada estranha e seu corpo relaxou. Passeou pelo galpão falando sobre as pessoas, as coisas que elas faziam. Parou na frente de cada uma e falou coisas que fizeram-nas ruborizar e ficar desconcertadas. Finalmente, parou na frente de Benito, que ainda segurava a Bíblia sobre a cabeça com olhar desafiador.

— Esse eu conheço! Disse Amber, ou alguém que parecia Amber. Se esconde atrás de causos que lhe são próprios. Pobrezinho, a mamãe não te deu atenção, filhinho? Deve ser cansativo ter que ficar se autoafirmando toda hora, né mesmo? Relaxa, meu filho. As coisas são mais simples do que tu pensa. Não se culpe pelo que tu és. Aquele que com ferro fere, hoje em dia, será lavado nas águas da compaixão. Claro, se quiser. Se não, com ferro será ferido. Está pronto para assumir esse risco, filho?

Nesse momento, Cassius entrou no galpão disposto a brigar ostentando um pesado galho de araucária. Parou quando viu a cena. Amber estava parada com as mãos na cintura na frente de Benito e virou a cabeça. O seu tom desafiador e altivo apanhou o homem desprevenido. Nitidamente, ele titubeou.

— Te afasta de mim, demônio! Finalmente, Benito tentou uma última cartada.

— Demônio, diz ele. E tu por acaso sabe o que isso significa, filho? Eu sei. Eu vivi entre demônios por muito tempo. Olhou nos fundos dos olhos de Benito e falou com uma voz gutural — Vai embora, agora!

Nessa hora, Benito deixou a Bíblia cair.

— Filho, que sacrilégio! Deixou cair as palavras sagradas, disse Amber e deu uma risada.

Benito gaguejou, olhou para Cassius com o galho na mão. Olhou para Ignácio, que estava paralisado no canto junto com Shaya. A mulher e o homem que estavam ao lado de Lyzandro já estavam na soleira da porta nesse instante. Benito saiu apressadamente, mas parou quando ouviu a voz de Amber.

— Não esqueceu de nada?

Se virou e viu a mulher segurando a Bíblia. Voltou rapidamente e pegou o livro.

— Durma com ele toda noite embaixo do travesseiro agora, filho. A partir de hoje, esse livro poderá te salvar pra valer. Sempre que abrir, minhas preces estarão contigo. E não te preocupes, todas elas vêm embaladas na mais pura alegria, beleza e harmonia. Se tu te redimir, essas bênçãos te darão o que desejar que for para o bem. Vai em paz, filho.

Benito saiu quase correndo junto com seus comparsas. Ignácio tentou ir junto, mas Benito disse que não queria sua presença. Shaya correu para o lado de Amber Rosa, se prostrando aos seus pés.

— Me perdoa, irmão.

Nesse momento, Amber Rosa mudou a aparência. Olhou em volta como que vinda de um sonho. Piscou várias vezes. Olhou a irmã aos seus pés e estendeu a mão, consternada.

— Minha irmã querida, não se ajoelhe aos meus pés. Levanta e me abraça. E foi o que ela fez.

Cassius ficou olhando toda cena sem entender nada. Finalmente, Lyzandro, que àquela altura só via o desenrolar dos acontecimentos, se pronunciou:

— Cassius! Meu amigo! Pode baixar a guarda que tudo está acabado. Como foi que tu chegou aqui? Me desamarra por favor, preciso tratar dessa ferida no tornozelo e tomar um ar. Na verdade, nem sei o que fazer depois de tudo que aconteceu hoje.

— Lyzandro! Fui atrás de ti quando Amber Rosa me deixou sozinho na praça e

veio para o galpão. Encontrei um rastro de sangue e vim pronto pra luta. Pelo visto, tudo acabou melhor do que eu intencionava.

Ignácio apertou a boca, franzindo a testa. Seu plano fracassou rotundamente. Colocou as mãos nos bolsos e saiu caminhando cabisbaixo. Amber Rosa olhou para o irmão. Se fosse antes, talvez tivesse uma palavra de compaixão, mas, naquele momento, o perdão passava longe de sua mente. Só esperou que aquele acontecimento colocasse uma pedra sobre qualquer vínculo entre eles. O que quer que tudo aquilo tenha significado, desde o momento em que resolveu tomar conta da própria vida, tinha acabado de vez para ela. Algo realmente morreu. Sentia um vácuo olhando para o irmão, como se fosse alguém completamente estranho. Ao mesmo tempo que isso lhe causou um pesar, também lhe trouxe certo alívio. Estava livre de seus próprios grilhões, de tudo que havia criado por raiva, por medo, por tristeza.

## Epílogo

Uma mão estendeu e retirou a folhagem de alguns arbustos para acessar o riacho. Amber Rosa pressentiu o que aconteceria e permaneceu firme em sua posição. Os pés dentro do riacho, gotas de água da pequena cascata batendo em seu corpo, o som calmante da corrente, o farfalhar da vegetação no pequeno vale. Lyzandro apareceu e parou. Uma expressão impassiva em seu rosto era o que Amber não esperava. Lyzandro tirou os óculos escuros e seus olhos se fixaram nos de Rosa. Ele deu um pequeno sorriso, um sorriso de compreensão e cumplicidade. Amber Rosa se desarmou e também sorriu.

Lyzandro percorreu os poucos metros que os separavam lentamente, sem desviar o olhar. Repentinamente, havia entendido toda reticência daquele ser que estava na sua frente. A forma corporal de Amber Rosa fez sentido. As mãos e pés longilíneos, os seios pequenos e firmes. O tom um pouco mais grave na voz de Amber, perceptível, mas perfeitamente aceitável. Seu corpo molhado brilhando sob os raios de sol exalava aquela mistura de sensações, aquela reticência. E brilhava. Lyzandro precisou tocar aquele corpo, sentir aquela química da pele com a pele. Nenhuma palavra foi dita e tudo foi entendido. Em um frenesi orgástico, os seres se uniram e uma transcendência se criou.